

## UM OLHAR SOBRE A CIDADE DE MANAUS

*Cristiana Maria Petersen Grobe\**

A localização e a configuração urbana de Manaus possuem características únicas; a cidade está encravada na maior floresta do mundo, entre os maiores rios do mundo, rasgada por uma infinidade de igarapés. A cidade é abraçada pela maior população indígena do planeta, circundada por sua influência que, embora combatida e mascarada, se evidencia no tipo físico da sua população autóctone, na sua cultura e na sua memória. Manaus está inserida na Natureza, mas insiste em voltar-lhe as costas, recusando sistematicamente o diálogo e fantasiando-se de “modernidades”. Como exemplo, diremos sobre determinadas manifestações culturais importadas, patrocinadas e enfatizadas pelo Estado que estão a anos luz de distância das verdadeiras origens da cidade, tornando-se meros produtos de consumo e de espetáculo turístico, e tendo como palco, lustroso e brilhante, um centro histórico revitalizado e transformado em cenário de Rede Globo.

A Floresta Amazônica estabelece e impõe à cidade relações particulares e evidentes. A Amazônia é um manifesto de riquezas no sentido mais amplo desta palavra, talvez por isso seja uma cidade explorada até suas entranhas, talvez por isso a cidade possua o “*mito da produtividade ilimitada*”, declara o Professor José Aldemir de Oliveira em seu livro “Manaus de 1920-1967: cidade doce e dura em excesso”. A partir disso, quando sentimos e apreendemos o espaço urbano e as relações da sociedade, um fato nos parece claro: a característica de sua configuração enquanto território ocupado e dominado por forças exploratórias e dominadoras, tanto hoje como nas outras épocas.

No período em que a cidade viveu com a atenção voltada para a goma elástica, os pioneiros da borracha abusaram das seringueiras violentando suas florestas e dominando seus povos. Assim monopolizaram também o espaço da cidade, os seus lugares, tomando posse e oprimindo os organismos vivos em busca da riqueza exuberante e abundante que seduzia e atraía olhares de longe. Na cidade de Manaus, as práticas de intervenção do homem, são ações desastradas que, embora visem o desenvolvimento e o progresso, acabam por entupir suas veias e cerrar seus acessos, envenenando seu alimento e empeçonhando suas águas. Manaus foi sendo feita assim, alavancada por uma fantasia esgarçada, construída e reconstruída conforme as forças exploratórias dominantes do momento.

Manaus nos mostra seus encantos e seus desencantos, como uma vastidão ferida que se oferece para ser amada e implora por ser socorrida. Os processos de urbanização foram sendo capturados e dirigidos aleatoriamente, sem rota e sem ancoradouro certo, feita aos pedaços, e "*Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro*", descreve Milton Hatoum em seu romance "Dois Irmãos".

A cidade tem seus mistérios e, como nas lendas, estes segredos precisam ser revelados para serem reconhecidos e desfrutados. Nas suas entranhas existe, recolhida, a alegria do encontro e do desencontro, do cotidiano em festa.

O que se apresenta aos olhos dos passantes e dos viajantes, provavelmente, não seja mais do que o mundo de fantasias e de ilusões oferecido a Fausto, de Goethe, que o deslumbram e embriagam com grandezas ilusórias que dominam e encantam os homens embevecidos e ávidos de modernidade e de espetáculo.

Mas existem os olhares dos que ficam e se encantam com este mesmo mundo, duvidando dos artifícios arranjados para a preparação do espetáculo. Talvez através destes homens de olhos atentos e profundos, que penetram e desvendam os interstícios da cidade na tentativa de salvá-la, como que a explorar momentos e cenas já cristalizadas, se possa percorrer e reconhecer dentre todas as armadilhas e adereços que compõem o cenário o que não é artifício e nem engodo, revelá-los e abrir-lhes espaço.

Manaus se fez da noite para o dia, a ferro e fogo. Em Goethe, Fausto e Mefisto barganham com o Imperador oferecendo-lhe sua sagacidade e magia para ajudá-lo a ampliar seu poder em troca de uma concessão de terras, que acaba por lhes ser dada com direitos ilimitados, podendo explorá-la como melhor lhes conviesse, livrando-se dos nativos que se lhe atravessassem no caminho. Desta mesma forma, Capital e Estado, barganharam e barganham, ontem e hoje, o destino da cidade de Manaus.

*Eles iriam esbravejar em vão todos os dias,  
Cavar e esburacar, pazadas por pazadas;  
Onde as tochas enxameavam à noite  
Havia uma represa quando acordávamos.  
Sacrifícios humanos sangravam,  
Gritos de horror iriam fender a noite,  
E onde as chamas se estreitam na direção do mar  
Um canal iria saudar a luz.  
Goethe – Fausto*

\*Arquiteta e urbanista formada no Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, São Paulo.